

NOSTÁLGICA SALVAGUARDA: A FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA E O DESCENTRAMENTO DO SUJEITO

Cristiane Pawlowski¹

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

RESUMO:

A literatura expressa as relações que o homem estabelece com o meio em que vive, com o seu espaço social, que pode interferir em seu modo de ser e de agir. Hoje, o homem é um ser com uma identidade híbrida e vive sob o signo da pós-modernidade. A pesquisa busca compreender como o efeito de sentido da fragmentação do sujeito é estruturalmente constituído na obra *Nostálgica Salvaguarda*, da escritora paranaense Luci Collin.

Palavras-chave: Autoria Feminina; Sujeito; Modernidade

ABSTRACT:

Literature expresses the relations that man establishes with the environment and the social space in which he lives, which can interfere in his way of being and acting. At present, man possesses a hybrid identity and lives under the sign of post-modernity. The present research aims at understanding how the effect of meaning in the fragmentation of the subject gets structurally composed in the work *Nostálgica Salvaguarda*, by Luci Collin, a writer from Paraná.

Keywords: Female Authorship; Subject; Modernity

Introdução

No âmbito atual dos estudos da literatura, muito se tem discutido acerca de uma suposta crise do sujeito. A literatura e a arte, em geral, revelam um sujeito fragmentado, cindido, plural. Nas obras de ficção, essa posição se traduz, sobretudo, na multiplicidade de vozes, como assevera Linda Hutcheon em *Poética do pós modernismo*:

Já não se presume que o indivíduo preceptor seja uma entidade coerente, geradora de significados. Na ficção, os narradores passam a ser perturbadoramente múltiplos e difíceis de localizar (...) ou deliberadamente provisórios e limitados — muitas vezes enfraquecendo sua própria onisciência aparente. (Hutcheon, 1991, p.29).

De acordo com Stuart Hall, “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, o que faz surgir novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. (HALL, 2005, p.7)

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO.

² Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO.

A pesquisa busca compreender como o efeito de sentido da fragmentação do sujeito é estruturalmente constituído na obra “Nostálgica Salvaguarda” da escritora paranaense Luci Collin. Objetiva-se observar como a obra apresenta o sujeito fragmentado do pós-modernismo.

2 O sujeito pós-moderno: deslocamentos

O homem contemporâneo busca uma forma de identificar-se na sociedade em que vive. Os principais problemas para que isso aconteça são as várias transformações que sua identidade cultural sofreu ao longo dos anos. Hoje, o homem é um ser com uma identidade híbrida e vive sob o signo da pós-modernidade.

O sujeito pós-moderno, conceptualizado não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1998, 12, 13)

Essa problemática da falta de identidade acontece, principalmente, pelo fato do indivíduo não poder viver mais na sociedade como um ser pleno, como na concepção dos iluministas, unificado desde o seu nascimento a até a sua morte, ou como um sujeito sociológico, possuidor de uma essência que o identificaria no mundo, mas que poderia ser modificada quando em contato com o mundo exterior. Atualmente, ele vive um novo estágio de identificação, sendo um sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, nascido da diversidade de culturas do mundo globalizado, tendo sua identidade construída e reconstruída permanentemente ao longo de sua existência.

As identidades, durante a modernidade, em oposição ao período pré-moderno, tornaram-se uma questão de construção, de esforço individual. Durante o período anterior a modernidade elas eram uma atribuição, você era algo e ponto final, não havia opção, ou mesmo esforço capaz de mudar isso. A modernidade inaugurou um novo período. A modernidade transformou a identidade em questão de realização. Era o esforço individual que fazia a diferença:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme oposição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida exuberante e sólida identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização — fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. (BAUMAN, 1998, p.30)

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, acha-se no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas.

Manter as opções abertas significa aqui não se apegar a nada, nem a ninguém. Não se deixar levar por nenhum tipo de forma de vida durável suficientemente para se tornar um tédio:

E desse modo a dificuldade já não é descobrir, inventar, construir, convocar (ou mesmo comprar) uma identidade, mas como impedi-la de ser demasiadamente firme e aderir depressa demais ao corpo. (...) O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se — mas evitar que se fixe. (op. cit.)

Nessa nova sociedade, o homem não faz mais parte de um organismo uno, ele é projetado de forma fragmentada, transformando-se em um híbrido cultural, e sendo obrigando a assumir várias identidades, dentro de um ambiente que é totalmente provisório e variável, estando sujeito a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

Na década de 1960, as mulheres passam a lutar por um lugar onde não fossem apenas figurantes, passam a lutar para, enfim, serem atuantes no processo de criação de seu próprio discurso e, por conseguinte, da sua própria vida. A narrativa feminina neste período vai mostrar a insatisfação da mulher com o lugar de submissão, apresentando os questionamentos dos valores impostos pelo patriarcalismo dominante, mostrando, muitas vezes, o conflito entre ser a dona do lar e desejo de liberdade/ independência e com isso reconhecer sua própria identidade. O reconhecimento dessa identidade não traz em seu bojo a oposição a uma condição masculina, mas sim a consciência que o masculino e o feminino são construções discursivas dentro da cultura.

A pós-modernidade evoca algumas discussões sobre questões até então fechadas e indiscutíveis, nas quais o discurso predominante era o do homem, sendo a imagem do homem símbolo de poder e liderança, deixando à margem do universo do poder as "minorias" (negro, índio etc.), especialmente a mulher. No discurso literário clássico, a mulher assume uma condição passiva/ submissa, mesmo estando em muitos livros no papel principal. No entanto, a mulher é representada através da ótica masculina, que propositalmente abafa ou modela o seu discurso.

As inquietações femininas em busca por uma identidade própria é o discurso predominante na obra *Inescritos*, de Luci Collin. A autora apresenta temas recorrentes, repetições, explicações. Pode-se identificar várias vozes, em que há temas secundários e temas principais. O que vai sendo revelado por meio das inúmeras e variadas referências que emolduram as investidas filosóficas da personagem-narradora, e é a partir dessa situação coloca o indivíduo a mercê da condição solitária de sua própria expressividade. Há um grande espaço para conexões e reflexões por parte de quem lê, considerando-se a interpretação das referências intertextuais e do jogo explicitamente polifônico.

Nostálgica Salvaguarda: A fragmentação narrativa e o descentramento do Sujeito

Luci Collin nasceu em Curitiba, Paraná em 1964, é graduada no Curso Superior de Piano, em Letras Português/Inglês, Doutora em Letras. Atualmente, é professora do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná. Luci Collin é uma típica representante do escritor oriundo da academia: alguém de atuar na crítica, criar e lecionar literatura. Recebeu premiações em concursos de literatura no Brasil e nos EUA. A autora se define como transgressora afirmando que a literatura contemporânea tem

regras determinadas a serem seguidas e que ela, com o seu trabalho, infringe e viola estas regras. A própria escritora declara:

Eu vejo que os meus escritos, antes de representarem transgressão, são apenas "regressão", não no sentido de "regredir", mas de "regressar", regressar a um experimentalismo que foi explorado pela linguagem moderna e depois covardemente abandonado por muitos pós-modernos confortavelmente estacionados na linearidade e num realismo que em nada correspondem à realidade (COLLIN, 2005, p.1)

No livro *Inescritos*, obra selecionada para esta pesquisa, a linguagem é aberta, experimental e difusa. A escritora se propõe a exercitar sua capacidade de inovação por meio de colagens textuais, que traduzem a agonia pela procura do indizível. De acordo com Collin, sua relação com a linguagem é espontânea, rítmica e até liberal. Afirma que sua linguagem é desestabilizadora, a fim de despertar a reflexão.

Luci Collin é habilidosa no trabalho com o flagrante ao surpreender suas personagens em ambientes ambíguos. Em seus textos há a presença de uma perspectiva simbólica aberta, dessa forma, o leitor é privilegiado, pois pode imprimir sentidos múltiplos, à medida que a autora lhe oferece um mundo particular sem censura. Há, assim, um diálogo direto entre personagem e leitor, enunciação que se constitui por meio de uma vasta expressão do ser, que também manifesta sua intimidade.

Segundo a escritora,

O leitor não é nenhum desavisado e inepto e, por outro lado, o escritor, aliás artista nenhum, também não é esse semi-deus que vê coisas que só ele compreende. Pelo contrário, os leitores são parte essencial na revelação dos elementos do texto. Acho uma prepotência considerar o escritor um detentor de verdades superiores, o escrito é o visto aí, e não o genialmente forjado pelo escritor. Captar e codificar o estético, o artista como antena da raça, é uma parte essencial da nossa existência, mas que deve ser encarada com humildade, porque pressupõe compartilhamento. A antena estar no alto é meramente uma condição estratégica e assim a sua superioridade (2005, p. 2).

A fragmentação narrativa é uma característica marcante em sua obra. Collin considera o enredo da forma tradicional um “embuste” e confia ao leitor a combinação e edição de seus textos. Inspirada por elementos do cinema e da música, a autora faz da repetição, do ritmo, da sonoridade e da performance, essência da sua literatura. A formação em música marca de maneira significativa a escrita da autora que brinca com a sonoridade e o sentido das palavras, atribuindo ritmo e uma espontaneidade próxima do absurdo que imprimem em seus contos características da literatura moderna.

Luiz Ruffato afirma que Luci Collin “[...] é um dos raros escritores brasileiros contemporâneos a se filiar ao mais raro ainda time daqueles autores que entendem a literatura como perspectiva de mudança. Seus contos trazem a marca da experimentação, não como esterilidade, mas como contributo à reflexão.”³

Em seu terceiro livro de contos, *Inescritos (2004)*, Collin deixa clara sua opção por textos que não evidenciam uma unidade temática e nem estrutural. A ruptura com a linguagem, a subversão gramatical, textos permeados de sensualidade e auto-ironia dão vida a personagens que representam as várias faces do “ser” mulher.

³ Disponível em: <http://www.travessadoseditores.com.br/index.php?tras=secao.php&area=10&id=32&are senha=1#resenha>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

A escritora curitibana “não cria tipos”. É a partir de questionamentos interiores e existenciais que as mulheres de *Inescritos* ganham vida em textos fragmentados e desconexos. A necessidade da descoberta de uma identidade própria, o conflito de identidades ou a identidade imposta social e historicamente sustentam a busca de respostas para o que a mulher foi, o que ela é e o que ela não quer mais ser.

No conto “Nostálgica Salvaguarda” é possível observar a construção de uma narrativa totalmente fragmentada. A autora abusa das colagens unindo trechos aparentemente desconexos, não há linearidade temporal, personagens e narradores são indefinidos.

Eu geralmente começo pelo meio do processo, ou seja, não parto de uma idéia nem de um pensamento conceitual para o texto, vou elaborando enquanto escrevo, no momento da escritura mesmo. Depois revejo, mas não sou de reescrever muitas vezes o mesmo texto, nem de sofisticar muito nenhuma idéia.

A partir de confrontos entre fragmentos marcados por numeração e intercalados por um “resumo”, o conto “Nostálgica Salvaguarda” apresenta reflexões sobre o “ser mulher” num texto cheio de recursos metafóricos e musicalidade. Segundo a autora, “o conto *Nostálgica Salvaguarda* é um diálogo ou, antes, um confronto entre fragmentos já que as partes (I/1, II/2, etc.) não são pergunta-resposta, e a cadência representa o resumo, o descanso da tensão, mais ou menos como uma *coda* numa fuga a duas vozes”. Collin diz ainda que o conto “envolve constatações tristes, seja pela submissão das personagens, seja pela consequência trágica dos encontros.”

Na narrativa colliniana, as vozes que falam identificam sujeitos complexos e fragmentados. O confronto dos fragmentos e o caráter totalmente metafórico do texto também indicam o questionamento interior, a busca pelo eu.

No início do conto:

I.

Figura de lábios de açúcar quantos naufrágios inauguras? (eu preterido herói difuso decomposto nos olhos de cor obscura). Quantos soldados expatrias? Figura movi montanhas para encher teus cabelos de flores. E agora me flagro um detalhe da noite um banal acessório do cortejo. Aqui a assistir solenemente às tuas juras públicas eu sou aquele que não vês aquilo que não reconheces na turba nem no passado nem ao teu lado no leito tão infinito. Ao qual, ao te olhar nos olhos, destinas este vago irreprimível vil bocejo. E enquanto danças espaços eu tropeço febre além termômetros. Cavalos trôpego no paço, cavalo manco sobre o pátio suntuosíssimo, cavalo exausto num lodo insubmisso. enquanto ouves árias polidas eu doo um desconsolo eu sangro eu me contorço. Eu pássaro me desvoou. Enquanto esvazias a travessa de molho.

O sujeito masculino é apresentado como “cavalo trôpego”. A simbologia do cavalo está ligada à impetuosidade do desejo, ao triunfo (CHEVALIER e GHERBRANT, 2005, p.305). O “cavalo trôpego exausto no lodo insubmisso” remete à impossibilidade das conquistas e realizações, já as ações realizadas são creditadas à “figura de lábios de açúcar”, aquela que tem poder, seduz e ao mesmo tempo ignora e destrói, ou seja o sujeito feminino, que se mostra superior ao jugo masculino.

No segundo fragmento, ao estabelecer intertextualidade com o conto de fadas “Cinderela”, Luci Collin subverte a imagem da idealizada “princesa” e metaforicamente constrói a identidade de sua personagem, uma *falsa princesa*. Hall ressalta que algumas vezes o sujeito híbrido se vê obrigado a recorrer a uma “retirada estratégica para identidades mais defensivas em meio às comunidades minoritárias propriamente ditas, como resposta à experiência de exclusão” (HALL, 2007, p. 628). Essa talvez seja a realidade da narradora, vemos a personagem assumindo o que mais se aproximaria de uma identidade *ofensiva*:

2.

Um minuto depois da meia-noite: abóboras e ratos. O resumo. Sim sou como falsa princesa uma impostura óbvia e estridente. O meu liso cabelo é brilhantina o meu olhar azul é de mentira. Moro num beco sem saída e não em um castelo. Não deixo um sapatinho de cristal perdido pelo caminho deixo meu rastro.

A falsa princesa com cabelo liso de brilhantina e seu olhar de mentira remetem-nos à falsidade e fraqueza do sujeito feminino, há uma ruptura com a magia advinda dos contos de fadas, a princesa encontra-se em um beco sem saída, a experiência é sua principal aliada.

Ao confrontar os fragmentos enumerados do texto que a princípio parecem totalmente desconexos, pode-se identificar, de um lado, o sujeito masculino, de outro um sujeito feminino, como é possível perceber nos segmentos dos trechos de 2/II :

II. (...) A vida do capitão é romanceada: nos bordéis quando aportamos as mulheres cercam aquele homem embora saibam que morrerão de sífilis. Thasha você será um composto de identidades e na América você se chamará Lydia Boylan Smith. Acostume-se a isso. Uma personalidade é territorializada. Vou lhe ensinar como se pronuncia Lydia. Você esquecerá esta língua que fala e aprenderá uma outra esquecerá os princípios da tribo e até as mutilações você esquecerá um dia vai pensar até que foi mentira tudo que viveu nesses doze anos como Tasha. Venho apanhá-la daqui a quatro marés. Espero que teu pai mantenha o preço.

A figura do homem liga-se a processos racionais e ao espaço público: os bordéis, as viagens marítimas. A mulher é identificada por processos de interiorização: os princípios, os afetos, ou seja, a representação do espaço privado. Por meio da memória histórica, que traz para a materialidade do texto o processo de escravidão, é retomada a forma de autoafirmação do homem que se sustenta na razão, na civilização, na conquista do espaço exterior, na liberdade e na dominação que faz da mulher “um composto de identidades”. Uma identidade imposta que, na voz do homem, remete aos valores da sociedade patriarcal e que resume o ser feminino ao silêncio e à nulidade. A instabilidade da personagem é um espelho das infinitas maneiras que o sujeito híbrido possui de se articular entre esses fatores, o que poderia resultar em infinitas personalidades.

As imagens inusitadas que permeiam o conto indicam uma originalidade que se situa fora da lógica comum. A estratégia utilizada em “Nostálgica Salvagarda” tem como finalidade o aprofundamento do “eu” marcado pela subjetividade, que só existe na medida em que, na instância do discurso, fala sua própria condição. A cadência que segue esses fragmentos enfatiza a intensidade feminina e o sofrimento que seria biologicamente e socialmente instaurado e emocionalmente marcado na crise de identidade.

CADÊNCIA: As fêmeas sangram. Nasceram, para sangrar. Desde as suas finas cutículas, de várias maneiras sangram. A cor das flores. Às vezes moscas pousam sobre o vermelho. Com o tempo, o vermelho a vermelhidão evapora. O rio evapora. A intensidade. Queiram desculpar o discurso primitivo. O silêncio é também uma facada lenta- gentilmente instaurada.

No trecho III/3, retoma-se novamente a oposição espaço feminino, interno de espera e reflexões, e espaço masculino, externo e de ações, numa escritura que rompe com a linearidade narrativa. A narrativa fragmentada de “Nostálgica Salvaguarda” típica do pós-modernismo, chama atenção desde as primeiras linhas do conto. O sujeito fragmentado afeta as próprias características estruturais do texto. “A história linear se rompeu”, afirma Clifford, “o presente é constantemente perseguido por um passado que ao mesmo tempo é um futuro almejado, porém impedido: um anseio renovado e doloroso” (CLIFFORD, 1997, p. 264). Dessa maneira, a narrativa linear sofre um rompimento igual, ela é polifônica e não cronológica.

III. Foi embora e voltou. Foi embora e voltou. Foi embora e voltou. Uma vez uma fruta na estação errada. Desta fruta não se esquece. Desta fruta não se pode esquecer. Vejo-lhe o rosto. Sem que ele saiba vejo-lhe o rosto. Ele que vai embora ele foi ele voltou. Desse: preciso de você. Mentira nada disse. Inventei. Inventei também que um dia se disse Por favor. Mostrei-lhe a umidade na parece. Ensaiei uma frase. Ensaiei um buquê. Era escuro. Ensaiei tocar-lhe. Era noite. A noite cheia de afluentes se desdobra em hojes antes ora há pouco nunca em sempre. (...)

3. Eu subo até alto que possa e trago o melhor inseto para depositar na sua boca. Eu absolvo as feridas do seu pensamento uma a uma como um bálsamo. Desfaça os pontos feitos como fosse uma helena dia-a-dia o tempo infindável bordado. O encontro uma inefável bordadura. Estarei próximo como um hálito.

Por meio da intertextualidade com o mito de Penélope, é reafirmada a posição de recolhimento e submissão destinada à mulher que é dona do seu destino, mas limita sua vida à espera infindável de um encontro.

4. Silêncio do prego que sustenta a moldura desta talvez história. A aranha na parede habilmente foge. Pressente frestas. Um tipo de dança sabedoria e domínio. Parede e sol se movimentam sem necessidade de sentido. Liberta pela manhã aquela grande mosca azul vermelha repelente reencontra o vasto verdadeiro além do vidro do quadrado quarto onde asas zumbiam em círculos.

No trecho 4, percebe-se novamente a reflexão interior, a aranha, “tecelã da realidade e senhora do seu destino” (CHEVALIER, 2005, p.71) “habilmente foge. Pressente frestas”. É a representação da busca incessante da mulher simbolizada também pela grande mosca que se liberta. O uso de aliterações na última frase, além de marcar a musicalidade no texto, convida o leitor a experimentar a sensação do zumbido da mosca o que remete à inquietação do eu. A volta para si mesma é enfatizada no final do conto em que aparece a presença do espelho, recorrente símbolo na literatura de

autoria feminina, que metaforiza o conhecimento interior e a busca pelo eu na intimidade da alma.

Nota-se que o sujeito que nasce da escritura de Collin apresenta-se sob forma de uma voz narrativa autorreflexiva, utilizando-se de recursos linguísticos ousados, rupturas que instauram o sujeito no âmbito do mundo. A autora busca a diversidade dos significados das palavras, procurando despertar na mente do leitor uma realidade que vá além da realidade costumeira.

A narrativa aponta, a todo momento, para um sujeito fragmentado e que se vê forçado a articular um diálogo entre as diferentes vozes que o compõem, ocorre mudança contínua de alter-egos, há indícios de certa instabilidade. A narradora tem consciência disso e sabe como seu papel se encaixa em cada situação, sabe que para sobreviver às diversas experiências é necessário encarnar diferentes personagens, por isso a troca constante de identidades, de certa forma, existe uma consciência de percepção mutável de si mesma.

Considerações finais

A ideia que permeia a leitura de “Nostálgica Salvaguarda” é a de que tudo não passa de obra do pensamento, de um emaranhado de vozes que trazem à tona fatos aleatórios com saltos temporais e associações aparentemente desconexas. Há uma história a ser construída, as peças do quebra-cabeça devem ser organizadas e montadas. Talvez essa seja a condição do sujeito contemporâneo, fragmentado, que concentra em si marcas do presente, do passado e — por que não — do futuro, num emaranhado desconexo e excessivo de informações que o caracterizam e o descaracterizam num ciclo ininterrupto. Esse é um momento peculiar de liberdade estética, de transformação de códigos e de alteração dos limites. E a autora, dessa forma, parte das questões filosóficas de seu tempo para compor uma literatura que quebra paradigmas e coloca nas mãos do leitor a responsabilidade imensa de recriar o seu próprio romance, através da interpretação pessoal das referências apresentadas e das pistas narrativas que permeiam sua construção.

Luci Collin, em suas obras, reflete, critica, questiona, revela, grita, desobstrui a bruma envolvente e deixa vir à tona detalhes ocultos que formam a vida humana; especialmente vigilante acerca da realidade feminina e, a partir de fatos cotidianos, talentosamente expõe o amor, a arte, a dor, o desejo, a negação, os problemas sociais, a tradição, a ruptura, e tantos outros pontos, sempre com sensibilidade ímpar e olhar singular.

O texto de Collin dissemina a linguagem de tal forma que o problema da existência humana passa a ser o próprio objeto da ficção. Torna-se, portanto, um problema não apenas existencial, mas também ficcional. A literatura coliniana torna-se totalmente introspectiva, já que se volta sobre si mesma. A ação narrada deixa de ser um evento ou acontecimento e passa a ser o problema vivido por suas personagens. Em consequência disso, as dimensões mais profundas da mente, que muitas vezes aparecem mergulhadas em dúvidas e inquietações, fazem o texto de Luci Collin a própria narrativa do ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CLIFFORD, James. Diasporas. In: _____. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997. p. 244-277.

COLLIN, Luci. *Inescritos*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Recebido em 24-05-2012 Aprovado em 06-10-2012
--